

Pulsão de Língua



MIRADA

DANIEL GLAYDSON RIBEIRO

Empatia: simpatia penetrante

Harun Farocki

Todo sentido deriva do toque: os poros do nariz tocados pelo ar disparam o cheiro, os sensores da língua tocados pelo que se come e o que se bebe disparam o paladar, os raios luminosos tocam a retina e disparam a visão, o vento e as carícias tocam a pele e disparam o tato, as ondas sonoras tocam o tímpano e disparam a escuta. tocar neste sentido quer dizer fazer vibrar, como o trompetista faz vibrar seu trompete quando toca. Tudo o que me toca me faz vibrar como violão, flauta, tambor. As ondas das palavras que meus olhos leem neste livro me tocam também pelas vozes, os cheiros, os sabores, as imagens que acionam no meu corpo. Mas as ondas que lanço em sua direção modificam o seu tocar: o livro tem orelhas, olhos, língua, nariz, pele. Disso falava o poeta amigo Jorge Marinho, quando dizia *palavras não as levam o vento*. As orelhas deste livro são canais de escuta conectados com você que lê: circuitos do *sentire*, do *entendre*, do *escutar*. Perceber, entender, escutar. Estar entre línguas, em tensão com o brasileiro, *porque tudo aquilo que o malandro pronuncia em voz macia é brasileiro, já passou de português*. A solidariedade entre estes sentidos constrói uma escuta. Por isso Daniel convoca a tradução, como que a reverberar Walter Benjamin quando diz que *a afinidade das línguas que se situa para além dos laços históricos depende, sobretudo, do fato da totalidade de cada uma delas pretender o mesmo que a outra, não conseguindo todavia alcançá-lo, isoladamente, pelo que as línguas se complementam umas às outras quanto à totalidade de suas intenções, que aliás seriam apenas atingíveis pela língua pura*. A tradução é uma escuta que expande os sentidos.

PULSÃO DE LÍNGUA

PULSÃO
de
LÍNGUA

DANIEL GLAYDSON RIBEIRO



MIRADA

RECIFE
2021

ILUSTRAÇÕES
Henrique Viudez
Marina Brito - Orelha
Sanzio Marden - Capa

REVISÃO
Nereyda Áurea de Carvalho
Santos

DIAGRAMAÇÃO & CAPA
Rebeca Gadelha

EDITORA CHEFE
Taciana Oliveira



SELO MIRADA É UMA MARCA ZEST
ARTES & COMUNICAÇÃO. PARA MAIS
INFORMAÇÕES, ACESSE:
WWW.MIRADAJANELA.COM

DADOS PARA CATALOGAÇÃO NA FONTE
Carla Vilella de Mattos – Bibliotecária – CRB4/1596

R484p

Ribeiro, Daniel Glaydson

Pulsão de língua / Daniel Glaydson Ribeiro; ilustrador
Henrique Viudez; revisão Nereyda Áurea de Carvalho San-
tos; capa de Sanzio Marden; diagramação Rebeca Gadelha.
- 1. ed. - Recife: Selo Mirada, 2021.

PDF (124 p.): il.

ISBN 978-65-89460-03-9

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira - Poesia con-
temporânea. I. Título.

CDD B869.1

Ofereço este libreto
a Bento Bastos Ribeiro
& a todas as modulações
do canto e do grito
qu'in-venta.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

FRUIÇÃO, PARTITURA E VENTANIA Diego Mendes Sousa	13
---	----

IMARCESCÍVEL

Marcescível	21
Silêncio e Voz	27
Noturno em que Nada S'escuta	28
Trato entre Sóis	28
De Língua	31
Neantho de Orfeu	32
Butes	33

GRIMÓRIO

A Repressão tem uma Claridade Nunca Vista	37
Naos	42
Lábiorintos	44
α	46
φ	47
Ŋ	48
Ђ	49
Não neste Hoje depois de Ontem	50

EPOPEIA DO CORDEL	53
-------------------	----

PULSÃO ARCAICA

I	63
II	65
III	67
IV	68
V	69
VI	70
VII	72
VIII	75
IX	77
X	79
XI	81
XII	82
XIII	83
XIV	84
XV	85
XVI	86
XVII	87
XVIII	90
Que Lua será esta?	91
Haikai	93

FORA DO TEMPO

Tempo Herança	97
Esquizocapital	99
Distopia	100
Lágrima	101
Recife	102
Drummond	104
Rio Tocantins	106

Capitalismo de Vigilância	108
Genocídio	110
Exilado	112
Pós-verdade	113
Reza	115
Como	116
POSFÁCIO	
ELIOT NO SERTÃO, ASSARÉ PELO MUNDO Fábio Roberto Lucas	119

FRUIÇÃO, PARTITURA E VENTANIA

Diego Mendes Sousa

O livro *Pulsão de língua* versa sobre a linguagem instintiva da poesia. Daniel Glaydson Ribeiro é experiente nas letras e faz a sua estreia com um rico discurso sobre o duradouro e o fugaz, entre o chão poético dos seus espantos e o arcabouço teórico da sua vivência.

Sua consciência crítica sobre o mundo provém de uma sabedoria reproduzida em seus próprios ideais contestadores do voraz capitalismo, da crueldade da civilização e da alarmante injustiça social, pois “mortal antes de tudo é a memória”. O eu lírico se refaz após o esquecimento “de ruínas invisíveis/ que se comem”. Esquecimento ou deglutição, semiofagia?

A voz literária de Daniel Glaydson Ribeiro está à espreita de inúmeros elementos experimentais. Seu ritmo segue fragmentado como uma sangria desatada no inconsciente, que se amplia com forte vigor humanista a desaguar no abismo dos silêncios, em “mística-terra d’eternidade”.

Estudioso da poesia de Jorge de Lima, Daniel preserva em sua dicção a atmosfera sobrenatural das cousas. Guarda também a magia precisa da beleza. Emocionam-me versos fantásticos como estes:

*mete os dedos dentro
dos cabelos das ondas
e as unhas na nuca do mar*

A fruição das imagens inventadas por Daniel perpassa pela sensibilidade, também por aquilo que é íntimo a um autêntico poeta: a migração sonora das metáforas e o incêndio renovador da alma encantada.

O cume da obra, a meu ver, carrega uma forte herança dos Modernistas de 22 e dos Concretistas paulistanos. Com leveza e ressurreição, ecoam ainda Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto.

Há um poema de Daniel Glaydson Ribeiro cujo título me causou uma excessiva atração. Trata-se da peça *I*, da seção *Pulsão arcaica*, que esboça um relicário frasal remoto, de imensa delicadeza: “Oiço uma ventania” desperta sensações de origem. Conceitual e elegante, a inesperada variação da palavra “ouço” ressoa com uma precisão incomum a potência da própria ventania.

Esse poema em comento é uma obra-prima, bem escrito, inspirado, revelador, tecido por mistérios, por uma energia cabalística bucólica e chamuscado por uma imagética profunda, com evocações sedutoras para um tempo de essência, traduzido em deserto, sede, miragens, terra, areal e Deus.

*e o que sinto, se sinto
é que Deus, Deusa, se existisse, se existe
perene, passa, sequios' e sopra.*

*e não há nada, entre nós,
a ser dito.*

O jogo com o inefável é espetacular. Versos finais inebriantes, verdadeiramente indizíveis, sublimes.

Pulsão de língua está dividido em cinco atos que dialogam com as dores do ser. Daniel Glaydson Ribeiro reserva a alteridade como uma

deliciosa característica de busca rumo ao prazer estético, mesclando os idiomas existenciais às estações oníricas da vida terrenal.

Sua originalidade está no salvamento da fala e no manejo extraordinário do arrebatamento ascético:

*Só muito depois compreendi
que esta ventania constante
já é Tua Voz,*

num simples sopro sempiterno.

Com os seus barulhos e excessos, *Pulsão de língua* promove o ruído das vozes que habitam as iluminações imprescindíveis da tradição e inova pela via do ressurgimento de outras veridades, como a reconstrução do movimento anímico e a consolidação de uma linguagem singular.

Sem terra medo não tenho,
Pobre corage possui,
Quando a força matá cem,
Vem mil e substitui,
Sei que vai ser triste a cena
É mesmo de fazê pena,
Morre cem de quando em quando
E mil fica resistindo,
Os morto pro céu subindo
E os vivo em baixo lutando.

Reforma Agrara é assim!
Patativa do Assaré

O ciclo sem fim de ideia e ação,
Infinita invenção, infinita experimentação,
Traz o conhecimento do impulso, mas não da quietude;
Conhecimento do discurso, mas não do silêncio;
Conhecimento das palavras, e ignorância da Palavra.
Todo nosso conhecimento aproximou-nos de nossa ignorância,
Toda nossa ignorância aproximou-nos da morte,
Mas próximos da morte, não próximos de Deus.
Onde está a Vida que nós perdemos vivendo?
Onde está a sabedoria que nós perdemos no conhecimento?
Onde está o conhecimento que perdemos na informação?
The cycles of Heaven in twenty centuries
Bring us farther from God and nearer to the Dust.

Coros d'A Rocha (tradução livre)

Thomas Stearns Eliot



MARCESCÍVEL

Dai-me, como vós tendes, o poder de crear corpos
para as minhas almas.

(ISMAEL NERY)

De aridez completa aprisionados

entre gente ávida	grávida d'água
a garupa da vaca	estende-se ao rés
da terra varada	em seus opostos

o ônibus passa	com ares condicionados
dentro narradores	incomodam o silêncio
dos homens fones de ouvido	surdos como se
	houvesse cera e sereias
o velho mundo	compra praias para re-
	juvenescer

sua moeda falida	é a mais cotada
constroem mausoléus	para castellos brancos
constroem-se arenas	castelões
shoppingcenterizam	o teatro de alencar
shoppingcenterizam	(refrão)

síndrome	do colapso da colônia
falta	o inseto nos lábios

todavia nos quintais
o sumo da seiva excessiva feito sol
ainda frutifica
mata branca pelo chão marrom
os espinhos chumbo
o céu vermelho
a sêca também é retirante.

*

* *

entre terra^{poética} e terra^{teórica}
estàrea de sonoturbulência

estrada de violenta rodagem
cães atropelados sem cerimônia
das minas gerais para baixo
não cabem cruzes nas margens
às margens

— as montanhas são nuvens estáticas,
que o eterno medo¹ dos homens transforma em granito, tu dizes

 ¹O medo é uma larva coletiva

— tudo é pavorosamente habitus habitado

— mortal antes de tudo é a memória

— este astro sem fé / é verde besoiro / volteando um can- / deeiro
esquisito

— este astro com fé / baila em círculo / dantesco louco / vigiado livresco

— de qualquer forma / tou tentando retomar / se não der certo / eu aviso
(refrão)

o estrangeiro submetido ao coquetel das substâncias desestruturantes
ali conhecidas e batizadas: os sobreviventes não serão deportados.

quem procura uma palavra

olhar suspenso, olhar-cacto;

marcescência

*

* *

chuvas extremas buscar mata atlântica

rio incômodo

trovões ininterruptos clamejar

rio químico

matatlântica

rio sódico

e já só há asfalto	intestino grosso
arranhões de vidro	rio que não ri
rastos de autos desprovidos	rio não rio
de tecnologia anfíbia e homens	rio não
demarcando território impermeável	mais espêso
jovem abraça rockpopstar	+ espêso
como nunca nada abraçara	q o rio do poeta
	onde o tempo
cada habitante	onde o tempo
é toda uma espécie	já não flui,
em extinção	esbarra
na luta insana	por a lucidez
munição comum	a comunicação
que nada tem a ver	com voz e escuta
atroz disputa	(refrão)

no enxame há zumbidos que me tocam.
 tenho medo de molhar-me nesta chuva, mas corro, ido,
 rochas gotejam.

a metrópole faz com o homem
 o que o agronegócio, com a terra.

tô sem lugar
de fala
para explodir (refrão?)

no cinza, somente
estrelas resilientes

esta mão deformada
tem seu próprio abismo
e cordilheira

mutilados pela raiz
afincamo-nos ao solo
compartimentados

são quinze andares de papéis com nomes
e fotos e dados e números dos desaparecidos

acessar sistema de registro de frequência para bater o ponto
ao chegar ao sair para cagar para almoçar ao voltar ao morrer

e no entanto mais que as formigas
mais ao sul que ao norte laboramos

ordena-se catalogação digitalização disponibilização
higienização armazenamento redistribuição reequívamento

só a cigarrta responde:
uoiopedaçodumengrenagendofuncional
uoiopedaçodifuncionaisidumengrenagemperteta



SILÊNCIO E VOZ

Eles dizem que o povo brasileiro
Não curte nem mergulha na leitura,
Não gosta do livro e su'aventura,
Não é à poesia hospitaleiro.

Mas eu vejo que isso não é verdade
Quando alcanço o silêncio desta aula,
Quando todo o barulho então se exala
E páginas voam: à liberdade!

Sim, eu vejo qu'isso não é verdade,
Pois nos olhos sagazes da menina
Se acende a narrativa e sua sina,

Cisma d'ainda crer na humanidade,
Vencendo todo caos e todo algoz
Quando assume a potência da sua Voz.

NOTURNO EM QUE NADA S'ESCUTA*A Xavier Villaurrutia*

Dentro dum silêncio desierto como a rua antes do crime
 sem respirar sequer para que nada turve minha morte
 nesta solidão sem paredes
 tempo de fuga dos ângulos
 na tumba do leito deixo minha estátua exangüe
 para sair num momento tão lento
 em um interminável descenso
 sem braços que tender
 sem dedos para alcançar a escala que cai de um piano invisível
 sem mais que uma mirada e uma voz
 que não recordam haver saído de olhos e lábios
 ¿que são lábios? ¿que são miradas que são lábios?
 E minha voz já não é minha
 dentro d'água que não molha
 dentro do ar de vidro
 dentro do fogo lívido que corta como grito
 E no jogo angustioso de um espelho frente a outro
 cai minha voz
 e minha voz que madura
 e minha voz queimadura
 y mi bosque madura
 e minha voz queima dura

como o gelo de vidro
como o grito de gelo
aqui no caracol da orelha
o latejo de um mar no qual não sei nada
no qual não se nada
porque deixei pés e braços na margem
sinto cair fora de mim a rede de meus nervos
mas foge tudo como o peixe que se dá conta
centésimo pulsar de minhas fontes
telegraphia muda à qual ninguém responde
porque o sono e a morte nada tienen ya que decirse.²



² Ou seria:

porque o sonho e a morte, Xavier Pieiro Domeneck?

TRATO ENTRE SÓIS*A Kleber Bezerra Rocha*

No Início era a Tradução.

Im Anfang war die Übersetzung,

poderia ter escrito João

— *EN APXH ἦν ἡ μετάφρασις, απόδοση,*

en arché ên he metáphrasis, apódose,

performance

— ou Fausto: na Infância era a Transcrição.

Colocar-se sobre o texto

—ou sob a Voz—,

mas apenas na condição de logo levantar-se;

montar o Λόγος, cavalgar em terras estranhas,

apear-se, sentir como pisa neste solo,

como nada neste poço, o outro.

Dis-sedeo, dessentar-se, dessedentar-se,

dissidir, decidir. Não por acaso,

o texto carrega em seu interior, em seu meio,

um quiasma.

DE LÍNGUA

A Danilo Bomfim

*Encontrar a palavra:
costurar teu livro;
sem pensar em lucro.
florir a letra com um fruto.*

A língua, tal todo corpo, é
ao Cosmos vinculada
& guarda
a memória mística-terra d'eternidade

NEANTHO DE ORFEU

Neantho! Autor do poema
radical e soberbo: o assalto a Orfeu,
ousadia de apartar tal lira à cabeça
decapitada, violar a caverna-templo
onde restava Oráculo; ressoar
outra vez o casco
da tartaruga primitiva:

Quando Neantho ergue a lira e a toca,
os animais que outrora se acalmavam clássicos,
eriçam-se em fúria contra o saltimbanco e o rasgam,
devoram e o subsomem em seu sangue ancestral;

Neantho é o tradutor
que concede a Orfeu
o ato
de terminar de morrer
e a potência
de não

BUTES

[as fontes)

Para a tribo Kainmã, as lindas e ferozes cunhãs-peixes ou Ipip'Iaras

(aquelas que habitam

nasceram de um bôto que enguliu

esperma de náufragos

παρθενικὴν δ' ἔνοπὴν ἐβίησατο φόρμιγγ

sobreviventes Argonautas navegam pelo Canto Quarto, gozosos

recolhem as pedras da âncora > içam no alto a vela e a tensionam

nos cabos da verga > Zéfiro os impulsa, até que uma florida e

sorridente ilha avistam, auscultam > vozes melífluas delinientes: Ser

Eias > estas filhas duma musa que deitou com um rio

> servas de Perséfone, colhiam com Ela flores, como Eurídicés, antes do

Inferno;

depois parte Aves, parte Mulheres, peixes vulvas vozes de lírios >

¿ elas rapinam a nave com o corpo ou c'a voz ?

Argonautas excitados abandonar-iam às Pátrias Mães, Se

Orfeu, com a carapaça da tartaruga em suas tesas coxas, não entoasse

a lira, ressoando a violação do cantoutro, animal e fêmeo, virginal e putas >

ouvidos zumbiram com a interferência culta, e remaram, sentados rê-mar

ão. Das

parthenikèn d'enopèn ebiésato phórminks

Melusinas chegava indistinto rumor, o vento cantos mixava >

obstrepuêre sono citharæ. Tùm denique saxa

non exauditi rubuerunt sanguine vatis

Atento, o nobre filho de Teleonte, guerreiro marginal Butez,
fugoso vergado, arde por escutá-las s'adanta e do polido
banco levanta, disside fascinado salta, suicide nada em
meio ao esplendor d'ondas inchadas >

¿ foi Baco quem o jogou, lôco, em tal pôço ?

< Elas clamam, chamam, bramam, amam: boooo-těsssS!

mas,

Vênus o resgata e o arrebatada e com ele goza em plênus vooõõ

satisfeita e prenhe, a deusa

lho despenha

numa ilha

florida

A REPRESSÃO TEM A CLARIDADE NUNCA VISTA

na origem, o mundo fora inabarcável,
até que um número indefinido
de desregrades
fora embarcado
a fim de manter a liberdade serena dos que permanecem
e aceitam
con-ter-se.

no convés, armas já munidas,
toneladas de carvão e papel
amontoadas como escravos.
tudo predisposição ao definhamento,
ao naufrágio,
ao autogenocídio,
à guilhotina surda,
ao excesso – mas o destino dos que navegam
é
(um verso ausente e tudo).

φ, Ъ, α, Π,
dentre outres velhos loquis pobres poetas indígenas
comunas putas trans queers quilombolas afrobarroques

qorpos santos
dispersos outrora
e todavia agora
concentradas

naquela noite escura
e clara,
todas as máquinas de moldar o que acontece
para aqueles que nunca estão onde acontece
e sentados se informam,

em posição:

os desregrados são transportados
direto de seus cárceres
recém-fundidos
para a nave.

temia-se uma rebelião, que não houve.
e nem os gritos, nem as injúrias ou as declarações indignadas
que as máquinas quiseram ter visto, para manipular,
houveram.

o silêncio resiste a ser editado.
como derradeira declaração,
foi o susto sem fim
aos que não souberam

ir.

a notícia voltou-se contra si mesma,
e quando à nave empurravam da costa
o bafo quente daqueles que odeiam
e temem, à distância,
mais os ventos artificiais e próximos,
já as desregradas davam as costas,
contemplavam o mar, forjavam nova terra
e eram felizes.

livres da História
em que as quiseram instalar
como a um botão:
primeiros expulsos, origem inventando o ser;
eles dialogavam
entre si

↳ é sabido que o mar vigora
mas sob obscuras
condições.

α entre tanto, eu já gostava das grades, do ferro.

↳ morei em muitas casas que eram cárceres
ainda que eu tivesse, e trago, todas as chaves.
(aqui ela saca dos bolsos tantos chaveiros e cadeados

e senhas enferrujadas, que fazem pender a embarcação)
pensei que um dia eu fosse voltar
a cada uma delas e lá estariam pai, mãe e ir-mãos,
à idade da casa. assim eu teria infância e lembraria.
mas hoje sei que não há regresso
e me desfaço.

α suspeito que o mar pode ser
uma casa
muito grande.

φ se põe nua
ou nu, divinamente
inspirado ou inspirada,
grita e canta a todes

φ dispamos estas roupas de detentos!
lancemo-las à terra enquanto é tempo.
esqueçamos a serenidade [heiterkeit]!
somos totalmente outridade.

unida a leveza das roupas ao peso das chaves,
foi esta a última imagem que a máquina viu:
disparopedra ao que cerceia ou cobre ou trunca,
descobrimento muito mais
real ou

pleno.

e na nave fez-se a dança
como um dub de marvento e onda
acompanhando o bordejar
donde embarcamos.

¶ Antes de existir a terra,
em meio à Noite Primeira,
e antes de ter-se conhecimento das coisas,
o amor era –
diz Werá Jecupé,
diz Tupã Tenondé.

NAOS

a nau tomba para todos lados
e flutua intacta

mete os dedos dentro
dos cabelos das ondas
e as unhas na nuca do mar

pois não há leme
nem remos nem velas
ou astrolábios ou bússolas
nem âncora.

a viajante não entende se voa em velocidades
incríveis ou se permanece simplesmente fora
da cidade ali imóvel³ por algum tempo em
algum lugar. desconhecida de seu estado e condição.
esquecida, navegando.

α quando eu estou num barco



³ até ao mar
este corpo se acostuma
e imobiliza.

e avisto a terra
quanto tempo demora para pisá-la?

D uma Suna.

LÁBIORINTOS

Es zerfiel mir alles in Teile,
die Teile wieder in Teile und nichts mehr ließ
sich mit einem Begriff umspannen.

(Lord Chandos—Hofmannsthal)

obragmentos : marteladas soam como sinos
e o tempo que elas marcam

é o tato

da incessância:

Tudo se desintegrava em pedaços

E os pedaços em mais pedaços

As palavras flutuam rápidas ao meu redor

E viram olhos, olhos, olhos, olhos

A girar, a girar, me levam ao vazio...

α domar a loucura para procriar a lou-cura ou
procriar a loucura para domar a low cure

φ sou cavalgador de discos, a penas
inventore de palimpsestos ruidosos que tendem ao inaudito

η ¿ você ainda quer tanta infância ?

ᵝ acompanhado das ruínas e de sua irrelevância
persegue-me toda via o terror do desabamento

ϕ ¿ se eu quero tanta infância ?
i fôssemos nativas,
com ti, nua ríamos !

α Riremos, remos !
eíl-os.



podemos manter objetos de vidro em posição de risco,
à margem, insinuando
a queda.

navalhas, joias frágeis, porta-retratos.
árvores, pássaros, poemas.
aqui não há o que temer do chão –
desconhece danças modernas, eletrônicas,
terremotos.

nunca andei pelo caminho do campo,
nem por terras natais,
pelo chão apenas –
quente e ausente de reverberações
sísmicas.

mas há a possibilidade do fogo
em tudo, em absolutamente
tudo.

ϕ

de tanto desistir
terei estilhaços biográficos. e

.

.

.

certa noite

.

.

comecei a escrevê-los e vi
que o qu'eu lascava
eram inscrições rupestres:

.

se o tempo que existe é o tempo
da consciência, cada ser é ilha
ilhada em si
entrementes o mar, esta língua
onda, verbo, ato que nos inunda
transborda, afoga
e comunica:
¿municação ou comunhão?

n

Página sem nada; devir
onde ruminamos a raiz
que falta: comoção.

᠓

M'illumino
d'immenso
(Ungaretti)

Não sou Deus
nem Deusa
não sou Fúria
nem Fera
mas antessinto
nesta língua
todos os grimórios
do unimultipóstrans
verso.

NÃO NESTE HOJE DEPOIS DE ONTEM

Chegou o momento de lembrar da fome e da sede, porque ouviu-se uma orquestra de estômagos e intestinos e das peles labiais ressecadas e brancas, quebrando ao chão.

então foi preciso chamar os peixes, trocar com eles uma ideia, encantá-los e comê-los. e aprendeu-se a mergulhar para colher as verduras submarinas.

e descobriu-se que havia carvão e papel demais no convés, e disso fizeram filtros e filtraram a água do mar.

descobriu-se simultaneamente uma infinidade de armas, munidas, engatadas, quase já miradas para suas mesmas cabeças, mas nelas ninguém tocou então, pois não havia polícia nem milícia, juízes, tribunais, poderes para acusá-les, então mantiveram-se sãos e não houve assassínios.

deixaram-nas munidas, talvez mesmo engatadas, para o caso de piratas, companhias das índias ou marinhas.

Quando a poesia é força
de um passado memorável,
bate o pé filosofia
numa cisma irrefreável:
- Tire a mão daí menino,
vai cuidar do teu destino,
essa obra é intocável!

Assim fez George Hegel
numa paixão por Homeros
e as Sagradas Escrituras
daqueles tempos esmeros:
- A epopeia está morta,
toda invenção sairá torta,
não mexa com altos cleros!

O prosaísmo do mundo
não permitiria mais
esses mergulhos profundos
nas almas dos imortais,
calando a "ingenuidade"
como se a modernidade
tivesse razões totais.

Pois como todos sabemos,
o poeta de cordel
é descendente direto
dessa nobreza fiel:
rapsodo é o seu avô,
doutorado trovador,
de seus lábios brota o mel.

Mermo começo, igual fim:
Átila Almeida decreta
a morte de um querubim,
quero dizer, de um poeta:
- Cordel cumpriu seu papel,
enterrem o menestrel,
foi-se o tempo dessa festa!

Mas o artista corajoso,
que porta livro e não arma,
não aceita esse assassinio
que quer calar nosso karma:
- Rapsodo é voz da gente,
narrativa resistente
que denuncia e desarma.

- Nossa arma é esta voz:
lindo som, potente gesto
de imemorial lembrança,
transcendente manifesto
de um ritmo natural,
magia em corda vocal:
cordel é palimpsesto!

- Mas também pode ser duro
Poesia desbocada
Mete o dedo na ferida
Deixa de alma lavada!
Solta os cachorros no mundo,
Político vagabundo
aqui só leva enxadada.

- Mete o dedo na ferida
pra criar humanidade,
porque ferida política
é a peste da maldade.
Rouba o dinheiro do povo
pra se eleger de novo
na máfia da impunidade.

Leandro Gomes de Barros,
rei poeta do sertão,
adevogado do povo,
cagou muito capitão.
O "primeiro sem segundo"
na verdade engloba o mundo
na luta contra a opressão.

E o mito diz que morreu
Leandro Gomes de Barros
depois de prisão injusta
por fazer do seu escarro
contra o tal senhor de engenho
que em pobre desceu o lenho
e amargou punhal bizarro.

Assim gravou o poeta:
"Nós temos cinco governos
O primeiro o federal
O segundo o do Estado
Terceiro o municipal
O quarto a palmatória
E o quinto o velho punhal"

E no Principio das Cousas,
outra estrofe genial:
"Assim fazem os homens grandes
Com o pessoal pequeno
Diz: mate esquarteje esfolle
Façam tudo que eu ordeno
Eu não vou porque não posso
Apanhar sol nem sereno."

Se a epopeia cristaliza
a língua de uma nação,
é no canto popular
que se encontra esse brasão!
Não no português direito
do gramático escoreito:
idioma sem amplidão.

Depois do rei vem a nata
da poetagem certa,
que merece louvação
de segunda a sexta-feira,
dia santo e feriado,
do folguedo até o reisado
na sublime brincadeira:

A sapiença do povo
tá no riso sem frescura,
na poesia das mata
sem sacra Literatura.
Vez por vez tem desavença,
mas no duelo tem quem vença:
viola na noite escura!

De Leandro a fessô Dany
segue viva a tradição
ensinando o versejado
pr'essa nova geração
que precisa desligar
um pouquim o celular
e botar os pés no chão.

Cuíca de Santo Amaro
Ou Gomes vírgula Zé
Cosme da Silva, Caetano
Pacheco vírgula Zé.
Assim faça a referência
nos artigos da ciência
sobre esse povo de fé:

Da caatinga o misticismo
Fé que roga a pelejar,
Conselheiro, Padim Ciço,
que adora se queixar:
a Maria, a Jesus Cristo,
Teresinha, São Francisco,
Santa Luzia, Iemanjá!

Eu épico narro um todo
nem que seja em pedacim,
lugar de fala que é meu:
tour de force em folhetim!
E o leitor canta comigo
no repente, no ouvido,
mermo seje bem baxim.

Cada estrofe é um rojão
que vem de corpos astrais,
liga cé'bro e coração,
meus desejos e teus ais.
Verso aparece é na luta,
rima gostosa labuta,
comunhão entre os iguais.

E agora com a internet
dos links multimodais,
toda ciranda que eu cante
roda o mundo em arraiais:
digo oxente e tô na Rússia,
traduzido lá na Prússia,
meu começo é sem finais!

Pois então lhe passo o verso
A ocê, minha formosura
Qual inté aqui chegou
Dichavando essa bravura!
Bravo é ler os camarada,
Entender nossa jornada
Em defesa da cultura.

I

Oiço uma ventania.
dentro ou num lugar não sei onde,
leva consigo algo — que não sei quê.

ou deixa, aceita, permanece, transcende

sinto esse vento de deserto,
não o calor a transbordar-me pelos poros
nem a sede a fazer-me suplicar miragens
a solidão
a fadiga
ou a perda

não há em meus cabelos terra
nem me seguem pegadas
ou vejo estes areais a correr fino por meu corpo

mas oiço.

e o que sinto, se sinto
é que Deus, Deusa, se existisse, se existe
perene, passa, sequios'e sopra.

e não há nada, entre nós,
a ser dito.

II

A Fábio Roberto Lucas

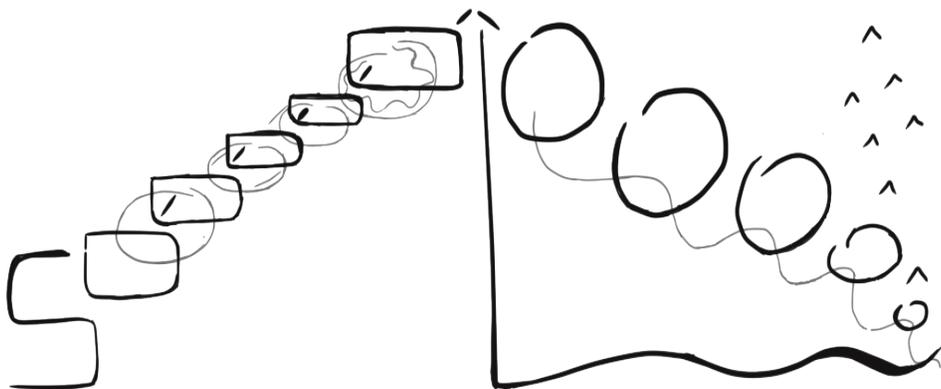
Há verso que dura luas
para parir
clarescuras cabeleiras
¿ventre vindo donde?

da insondável massa
duma língua pulsante
do carbono vivo
dum carvão em brasa

duma veia espessa
de céus inumanos
da bruta natureza
de um choro infante

do silêncio místico
da matéria quântica
do equívoco da compreensão
da verdade e da visão
chispas centelham; vulvas ocitocinam

e o que sai grita:



do sempre e do nada
do tudo e do nunca
tapete fértil
à noitiscura
sertão aceso
verso que dura lua
em quanto ecoa

III

*foi na estrada do despreparo
que experimentei a vida
em estado bruto
(Lígia Borges)*

Aura feminina desarvora—me
espelho das almas aniquiladas

apenas retiro do fogo o escrito
condenado desde outrora

Nascer é só
entre veredas
per-manhecer:

¿mas e este corpo,
morre?

*nem tudo o que vive, morre
(Lisiane Forte)*

IV

A Ronsard

Quando te vejo, quando em você penso
Não sei o quê dentro de mim cintila,
E me apunhala — e depois mutila
A alma despida por arroubo intenso.

Tremem os nervos e eu me faço tenso:
Como uma vela ao fogo algo destila,
Sob suspiro, minha força oscila —
Esfria, me deixa sem ar, suspenso.

Sou como o morto, caído na fossa,
Um soldado abatido em febre grossa,
Perco a cabeça, o espírito se inclina

E sonha aquilo que lhe é contrário,
Assim, morrendo, nada mais faria
Que pensar em ti, em ti, assassina.

V

Beijar a humanidade
mesmo desvirtuada⁴

com a esperança de um louco
se é que os loucos esperam



⁴ Virtude, vento
que passa pleno
de sementes,
ex-cesso
que vigora.

VI

Ta x k alah,

Ta x ki k'uxilah k ib.

POPOL VUH

Rachel,

Diz-que Narrar vem de Gnâ;

de onde Nascer e Conhecer;

numa palavra: Conascer,

que existe.

Então deram a luz

& encorajaram a si mesmos.

Teu vício de anfíbios

habitat da divergência

simples iimensos

como a Terra

são pétalas

colhe Teu néctar

musa de gestos

Teus lábios

línguæstame

e dissemina

nós deitados, olhos às janelas,

a água vem da luz e do estrondo na noite enérgica

o raio é um elo

o raio fende a árvore —elos—, traz o céu, leva a terra,

[deixo fogo

Tu me abraças com medo d'elos e das grandes luzes,
eu T'abrigo, libertume

e trovejamos
como uma nuvem
quandentra
numoutra
nu
v

VII

a luz própria da terra é
 guardada dentro dum
 manto, que o fogo atra
 vessa, que o ouro con
 centra, que o homem dis
 persa —senão quando este

veste

o manto—

abaixo da túnica, havia a pele abrigando o sexo em todos os poros;

entre erupção vulcânica e queimada

hàlgo d' ordem,
 desordem,
 círc'lo :

as labaredas no interior da terra;

& um' Alma-Crosta

que debajo de mi manto, al rey mato.

na estrada percebo que a noite

ainda

ex iste

à margem

um chão de brasas

pai zagem

o fogo lambe árvore muda,

é foi o ho mi
 qui ati çô,
 ô foi u vem tu ?

& no entanto

A enten demos:

desde quando muda,
 há um espaço inabitado senão por mim
 continuo muda minhas palavras são folhas
 meus verbos são frutos meus gritos são flores
 e há um vento que sempre recorto
 porque o chão não
 cansa de ninar-me
 b u s c a n d o
 u m a
 o u
 t r a
 s o m
 b r a
 um' o u t r a e 'strela

Adentro a fumaça espessa
 entre crime e cultivo
 a terra um cemitério de gestos

rígido negros
 onde homens voltarão a plantar,
 do mesmo.

E o mesmo que brota,

é menos.

Mas há uma serpente com plumas
 suspensa entre a queimada
 para com tê-la
 escrevendò fogo
 en suas escamas

Ela quis mostrar-se sem seu manto.

*Eu queimo junto d'arvire
 e o vento negro que isto exhala*

b a y l a

*geométrico:
 três quadriláteros
 e um ponto.*

*corpo com
 cem nervos
 y dobras
 res surge
 reaceso*

VIII

vem
no equilíbrio de tua cadência eterna
arrancar-me dos pés o chão

sim, sugando-me
arrancar o chão
como um tornado ao fundo do mar
levando a areia
o espaço e o tempo

perca-me
em distância e profundidade
em fundo e forma
em mulher e homem
espaço e tempo

sim, machucando-me
em veneno de néctar e sal
et en diverses langues

equilibrado na cadência eterna
da tua sinfonia de vômito branco
mar

equilibrada na cadência extrema
da tua margem sem cor
mulher

dilacerem-me –
lubrifica os corpos
e interrompa os beijos

pela cadência eterna
daquela sinfonia
anterior a Deus, amo-te
por sete gerações
pretérito e além

anterior
a Deusa

IX

outono é estação de sangue

de cortar palavras na ponta ensangüentada

duma faca

palavras pintadas no chão

dum monastério flutuante

pintadas com a cauda de felinos

negros

no outono, as folhas que sobrevivem

sangram

tempo de esperar que o queimar de velas

livre-nos das amarras

antigamente, desrespeitava as pedras

cheguei a cansar do andar pelas portas

outono é estação de gestos marrons

cadenciados

os barcos já me fugiram

já afundei abraçado

mas o outono não é disso

é de ferir palavras

e cair exausto

antes de soerguer-se um esboço de sol

eu—eu que não tenho outonos

apenas palavras, facas & sangue

X

só 1 olho de cada vez

é o que cabe ver sempre
ao me lançar no canyon do olhar dela
capitoso

é assim :
concentro nos olhos dela
e parece-me impossível que haja dois.

penetro, 1 de cada vez,
só

dois olhos juntos dizem mais do que se pode ouvir

assim talvez seja melhor...
continuar a vê-la de pula-cordas amarelo
nuvens em perfeitos tons de azul escuro
no background

bochechas abuletadas de vermelho cocote
um sorriso pedindo dedos
todas as carnes apontando os cabelos descabidos

esvoaçados

toda ela um projétil para o alto
atiçando-me

quelque chose de retrato pintado
nela

melhor assim.

o que dois olhos têm a dizer
ninguém deve escutar.
dois olhos respiram demais

en el ojo profundo duermen palmeras exorbitantes
já dizia nicolás guillén

1 de cada vez
e basta.

XI

aquele que buscava em meus olhos
um remédio último

em lugar de salvação, uma cruz
corpo estirado, impuro, lapidado por palavras
deserto sem pedras

a libertação eterna de um Anúbis que o cingia
efemeridade de um grito feito uivo,
de um uivo feito coma

indubitavelmente ele sabia
da forma que nos é impossível saber
aquele que se entrevê na voz, no caminho,
no profundo de um olhar caduco
foi mais forte, porém, a sua vontade
e foi covarde, e foi frágil, e foi vidro

foi o peso de um epitáfio predito

aquele que nunca estava só
golpeou-me com sua asa em desalinho, em desvario

um toque de asa que era destino.

XII

A José Arrabal

a sombra lançada pelo amontoado de folhas
cortava cabeças
infinitas

somente os caules,
tanto vegetal quanto animal,
deixavam-se desnudar pelo amarelo:
um enjoio dos postes

(quem poderá afirmar se não
mais doentio
que o próprio hospital adiante)

à noite,
as cicatrizes ou o frio impediam
—mas seu desejo
estivera sempre em perdoar as roupas
nos cabides dos galhos

XIII

*Myrian Muniz disse
corpo que não dança é
como alma que não reza
(Zebba Dal Farra)*

Mãos suadas
na pedra quente;

à frente da casa, o terreiro;
a reza da vó em direção

à goela;

o fogo no canavial cessado

em linha;

— isto mata a sede, meu filho.

— aí eu masquei.

O cheiro da parede de barro,

para passar;

O dedo do cego no dente doente

que se quebra

como vidro

e sara.

Cães desgrenhadas desimpedem

a Voz.

XIV

*estes olhos e sua vontade
de anoitecer as coisas⁵*



⁵ estos ojos y su voluntad
de anochece las cosas

ces yeux et leur volonté
de transformer les choses en nuit
(traduzido por Charles Wrapner)

Diese Augen und ihr Wille,
die Sachen einzunachten.
(traduzido por Vinicius Marques Pastorelli)

XV

ternura e queda

são movimento perene

ternura é uma qualidade do eterno

XVI

sob a cachoeira,
aceito o castigo das águas
a esfacelar-me os ossos
sugar-m'os cabelos
aceito quanto posso, tentando decifrar as vozes ancestrais
que ecoam na respiração das águas
— são velhas a gritar
tudo o que nos precedeu
num tom:

¿Qué es la literatura?
¿Solo la eternidad?
Y ni siquiera la verdadera
E... ternidad
Sino la permanencia
En ese mundo muerto
De los vivos

Pero si esa voz
No se hace voz
Ahora
¿Qué esperar del silencio?

En aquel cielo de nubes corrientes
A cada paso de amor
Hay un suelo de derrotas

‘Anticaminos
Parábolas ; palācrimas

Nosotros
Trozos casi conclusos
Jamás hechos en totalidad
Sino en las manos de Diosa
¿después de la muerte
solamente?

Cuando develo algunas letras de mi ser
Ya no me pertenecen
Y quizás leerán lo que deseen

Pero si me quedo callado
¿el Silencio aún me pertenece?

XVII

A Priscilla, Anita, Tarsila

Receber do ventre amado uma sábia⁶,
 Que antes d'andar ou falar já ensinava
 Da estrela que em cada cabeça havia;
 Do infinito em cada gesto que eu dava.

Receber deste ventre amado duas sábias
 Que abraçadas se amam por uma só placenta.
 Ameríndio reforço a esta missão bravia:
 Pacificar em nós a impaciência infensa.

♩ = 80 [respirações: expansão e recolhimento: suspiros]

Voz

Guitarra

intro

⁶ Canção de Daniel Glaydson Ribeiro e Zebba Dal Farra

5 *canto*

Voz

Re ce ber do ven tre>a ma do u ma sá bia qu>an tes d'an dar ou fa lar já>en si

Gtr.

10

Voz

na va da>es tre ca be ça>ha vi a do>in fi ni to>em ca da ges to que>eu da

Gtr.

14

Voz

— va Re ce ber des se ven tre>a ma do du as sá bias que>a bra

Gtr.

18

Voz

ça das se a mam por u ma só pla cen ta

Gtr.

PULSÃO ARCAICA

21

Voz

Gtr.

a me rin dio re for ço>a>es ta mis são bra vi a:

24

Voz

Gtr.

pa ci fi car em nós a>im pa ciên cia in fen sa



XVIII

A Charles Wrapner

Nada mais,

como um animal falante no olho do furacão,
hablando para el ojo del huracán, dentro
del agua sucia, abrindo
as portas da rua para o furacão jorrar
a água vulcânica do mundo.

Amizade

a tradução do outro ao tempo

conceder-é.

La amistad

es conceder al viento

la música del otro.

O texto é só

a partitura do pensamento tatuada

em tua nuca.

que Lua será esta?

5 de agosto de 2017

quando dá pau na internet, entro na lista dos uaifáis e só em encontrar apenas cinco redes no meu entorno, jogando dados no ar que eu respiro, três delas inclusive sem qualquer sinal, acho já que está valendo estar fora da metrópole, ainda que não tenha em mãos os registros audiovisuais daquela vida, tanto menos a memória razoável, sair mesmo até do centro da pequena cidade onde estou, downtown do Norte do Nordeste do Sul do mundo

rumo ao sertão
palavra intraduzível
loteamento com energia de rio quando sangra
mas desviado
silêncio de grilos e casas paradas em construção
“inquietante ouvido”, diz Danilo Hércules
sem ter vindo

uma terra cuja claridade entra como dor em minha
[cabeça
e minhas professoras não somam quatro anos

conexão fraca

deve significar que estamos longe?
as mensagens são visualizadas
e todos esperam resposta
ou deprimem

uma delas acorda no início da madrugada gritando o
[que mais sou
eu corro e a levanto e a abraço e ela dorme
na minha essência

tão mutante
quanto elas a cada dia
mas nem tão crescente

HAIKAI

O cheiro do tempo
um quintal frutificando
lentamente, dentro

FORA DO TEMPO



TEMPO HERANÇA⁷

*“Nunca mais o comunismo”
Discursam os poderosos
Como se tivesse havido
O repartir dos destroços.*

*Cirurgicamente se amputa coração dopado de veado preto.
Proibicionismo inventado para matar pobre e lavar Grana.
Em nome da REAL generosidade: Primeira Dama, libras
maçônicas, Amazonas, etnocídio, fugas brancas.*

– Larga meu corpo, Estado do caralho!
diz potiguar enjaulada, cujo CRIME:
monetizar e ingerir cultura natural, mijada
maconha coca crack mec feice;
das redes sociais ela trafica
conversões a Facção Paulista

⁷ Composto a partir da tela “Temperança”, de Henrique Viudez (página 94, spray e acrílica s/ lona de caminhão), para a exposição Mitos(!)Indóceis (Sem Título Arte, 2019). Republicado no suplemento *Maracajá*, do jornal *O Povo*, em maio de 2019.

A tela e o texto estão sob o impacto das rebeliões presidiárias que eclodiram no Norte e Nordeste do Brasil em janeiro de 2017, quando detentos foram mortos, decapitados, carbonizados, esquartejados, corações arrancados.

e inefáveis códigos éticos
hoje picha, seu sangue repentista
corta cabeça de Novos Batistas
Ministros Damares Messias
enquanto, indígena, canta:

– Supremos Corvos Federais,
que se regalam da carniça
sentenciáveis “nunca mais”
ao que só tem em Vossa missa:
bilionários, fraternidade!
“Nunca mais!” direi eu insubmissa,
petrificada em marginalidade,
“Nunca mais!” dirá a carniça,
torturada em neoliberdade,
ao Espantalho da Justiça.

ESQUIZOCAPITAL

Era uma vez minha terra
tinha palmeira e palmares
hoje tudo queima
e a Flor-
esta
cinza pelos ares:

cinza que cobre estrelas
fumaça enforca dores
ouro-lama afoga gente
num rio tóxico
Rio Doce

os quilombos e as aldeias
que diziam “demarcadas”
são o intermitente cenário
de guerra das bandeiradas

minha terra, mina
nem sei mais se é terra ou veneno
e tudo continua sendo
para o progresso
de São Paulo.

DISTOPIA

o bicho banha-se no lixo
ornamenta seu peito com o perfume dos plásticos
faz-se distopia e viraliza

expõe o seu corpo para o estupro
nadando em milícias e metralhadoras
para compor novos mitos

sobrevoa a sobrevivência das paisagens
sapateando demência pelas aldeias
passando a boiada no vazio do gênesis

LÁGRIMA

o silêncio da voz que se fez lágrima
e foi
numa correnteza

RECIFE

ninguém tece a manhã além do concreto, imensidão de
matéria oca que esconde seu negro sob a mais viva cor
possível em suas vísceras - é a cor de quem vê e de quem
pisa - cinza infecto

além do espetáculo único e cotidiano de barulhos
impossíveis, para cima, para cima, para cima - de
velocidade e bocejos, de decadência e sorrisos - são
mulheres que saem a comprar flores, são homens que
voltam da porta para engendrar cristos, são gritos de um
moribundo a atravessar paredes, são cortes eternizando
pactos

ninguém tece além de um amontoar-se de gente que é
nenhuma gente, um abalroar-se de pernas que é nenhum
corpo. muchedumbre de quienes. diz-se tarde, e já é tarde,
e não há tardes

após a exibição não-vista e épica do sol a romper o

ventre eternamente virginal do horizonte, olvidando lá uma mancha do mesmo sangue que dançará pelas calçadas e que será limpo ao novo outro amanhecer, borrão de sangue em busca do qual virá a noite, a farejar, sensual

pouco mais que as estradas possíveis, bem menos que a miscelânea de sombras projetadas em redor, como uma rosa-dos-ventos apontando a nenhures. agora, são ruas proibidas, são olhares de medo multiplicado, são corpos quase nus sob os postes.

pero de nuevo el mundo se ha salvado

DRUMMOND

¿ em qual estação Rimbaud esteve no inferno
a vítima estrebuchava no asfalto
enquanto Drummond pouco via
como que buscando o roxo escondido nas cores
o enfado enraizado em cada caule de sangue dos seus olhos.
agoniza enquanto o mundo senta e almoça
arrancam-lhe as mãos e solicitam assinaturas
rasgam e correm e imploram por papéis empurram por corredores
[desnudam vestem de flores falsas oferecem fomes cegam são luzes
— luzes imitando um dos limites da vida
ali estava. exposto. veias abertas.
por tais abismos lançam tonéis de um fluido branco
Drummond sente regelar-se lentamente
da ponta dos dedos ao centro d'alma.
vê um labirinto de veias amarelas e azuis por todo o corpo.
enquanto isto, mumificam-no.
acorda em outra dimensão, drogado, com a esperança dos tolos.
Ganesha vira-lhe o rosto.
só a dor do seu corpo
fazia esquecer a necrofilia da mente
lágrimas deprimidas : maldita cerca de lábios que lhe evita o chão
quer findar-se
mas não
é já múmia
viva, insone

RIO TOCANTINS

pisar o chão
com força
por 3 noites e 2 dias
 encarcando
 palmo a palmo

no cortejo, venta o som já noutro corpo
despossuído por fantasmas, remoldado
(depois destes ventos, tudo muda
 de alguma forma)
: possessão descabida magnética nervos
como uma nuvem, que mareia
o rio barrento
no antepor-se ao sol
os espelhos turvam-se
de água parada
no frio do torpor
a transcendência dos bits
quimicamente pisoteadas todas as rebeliões
o sentido é a forma
sem forma o corpo é
 imanescência
(ali, trindade,

há sempre algo para além
do bem e do mal)

no desatino/no costume de ser
ninguém/na leveza
do universo/morte na mais
vida
antimanifestação ::

seu sentido é o vácuo

CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA

A Maria Simões

Moeda de troca:

Seguir

Se ao menos fosse

Para quescutássemos

Mezcla de cuerpos

Afectuosos

Voces que safecten

Não números

Não K

Mas K

K son bombas que salen

Son descaminos

Pero caminos

K monista

K dialógica

Pero K

Butes que saltan

A las sirenas

But K

But ME

But US

GENOCÍDIO

[une atmosphère obscure enveloppe la ville,
aux uns portant la paix, aux autres le souci.]

tua cidade
replena de mortos
cadáveres num lançar-se eterno
do alto dos edifícios,
varandas das universidades,
covas coletivas

todos
na tua cidade estão mortos
procura teu reflexo pelas poças
e abisma-te
lá vive a cidade que sobre a tua voa
cidade-passas

¡ corram sempre
¡ evitem o atropelamento

[unreal cities]
cidades a silenciar os mortos
corpos lapidados de terra, do barro
ao barro
e há um coro de trombetas

no coração da luz

[that corpse you planted last year in your garden,
has it begun to sprout? will it bloom this year?]

há um odor de sepulcro em toda felicidade
de réquiem, testamento, óbito

felicidades urbanas

e o asfalto cala, ignaro

bebe das impurezas dos fantasmas

pactua-lhes a solidão

[fourmillante cité, cité pleine de rêves,
où le spectre en plein jour raccroche le passant.]

ç defunta a cidade

extinto seu subterrâneo

inundada sua sede

a quem servirão os mortos

EXILADO

Não se usa mais do exílio:
as vozes amontoadas
cedem ao monologismo
estupi(e)dificante
do controle.

A jornada cotidiana
pelo mínimo capital
já silencia.

E o homem de posses
pratica o exílio voluntário
como um patético turista.

PÓS-VERDADE

algo que fora um todo
mergulhado num rabiscar
crescente, crescente
crescente à medula

um risco traçado ao léu
: divisão dos inteiros
: separação dos vitelinos

mais
traço, risco, esguicho
ferindo
massacrando as harmonias grandiosas
dilacerando

inatingível
qualquer
lapso
de troca
de interação dos uns

cada
vez

mais
muitos
uns

uns, uns

novo todo
de outra cor
– da cor do corte

a possibilidade de crédito
num depois
é isto :
: a fragmentação suprema
leva ao silêncio

REZA

No instante em que a lágrima
lava minha vista para a palavra
do Teu Canto,

tal qual a sentinela,
“minha alma anseia por Ti, pelo nascer do dia”.

A natureza não tem moral
e sua água é(ra) límpida.

Da terra e da pedra,
inda brota água pura.

Cala a ira dos impostores
que ousam proferir Teu Nome
com a boca e a língua pútridas
de genocídio.

Só muito depois compreendi
que esta ventania constante
já é Tua Voz,

num simples sopro sempiterno.

COMO

...se ao poema coubesse ainda e apenas
lê-lo, com humana voz sem excesso
no ritmo puro do tempo disperso
como se houvessem raças e antenas,

numa ausência de qualquer artifício,
como se eu detrás duma cortina,
sumisse, e esta língua que imagina
já não fosse a máquina do início.

Tal como a luz do sol ou a da lua
as nuvens, os raios e tempestades
são sublime teatro-transcendência,

a Voz é meu corpo a dançar, eu nua;
língua é ruído de todas vontades,
o poema: barulho-excesso-essência.

ELIOT NO SERTÃO, ASSARÉ PELO MUNDO...

*Fábio Roberto Lucas*⁸

Pulsão de Língua talvez seja, antes de tudo, uma intensidade. Ou melhor um nó. Ou melhor ainda a intensidade do nó. Talvez as variações da pressão ou da gravidade que as coisas exercem entre si conforme se experimentam, conforme ensaiam se amarrar umas nas outras, ou se aproximar e se distanciar, se atar ou se liberar mutuamente. A verdade é que não dá para olhar essas coisas, seus nós – sua sintaxe ou constelação – à distância sem que algo de suas rimas e ritmos já não esteja bem próximo, soprando sua cadência ao ouvido; ou, pelo contrário, tentar escutar o vão entre elas, a amplidão do espaço pelo tempo do som, como um radar de orientação, sem que algum fóton já não esteja dançando no meio dessa festa do intelecto, o poema.

Em resumo, não há como falar da poesia de Daniel Glaydson Ribeiro sem, de algum modo, ser atraído para essas frestas aporéticas, subespaciais, quasitemporais, entre-lugar onde “a linguagem e seu outro se ligam, se desligam, se cruzam, encravam e se encaixam, proliferando combinações”,

⁸ Coautor da tradução livre do soneto 94 de *Les amours*, de Pierre de Ronsard (1524-1585), poema IV da *Pulsão arcaica*.

como dirá Raul Antelo a propósito de Paulo Leminski, Haroldo de Campos e outros poetas *desencontrários*, que habitam o cenário poético das últimas décadas, suas crises e dilemas em torno da história, da herança das vanguardas, da soberania poética e da pluralidade de poéticas possíveis.

Dentro desse cenário, um grande, talvez o maior, desafio seja o de como lidar com a diversidade entrópica e atomista das informações, formações, tradições, tendências, técnicas, poéticas, possibilidades. Como evitar cair nos nichos do mercado cultural ou das rinhas universitárias – com suas identidades e “bolhas” pré-fabricadas – sem com isso recair num ecletismo “liberalóide”, que homogeneiza os conflitos poéticos e políticos abrigando-se num cultivo desinteressado do *métier*? Eis o ponto: o que este livro nos leva a ver – e ouvir, e tocar, e sentir, e pensar etc. – é que o aperfeiçoamento *desinteressado* da poética não é necessariamente *desinteressante*. A poesia ainda teria alguma coisa a dizer quando o assunto é como viver juntos, entre seres. Afinal, modulando Hölderlin, *só poeticamente é que se habita...* A pergunta então passa a ser: mas, poeticamente, *quem* habita? A velha resposta, “o homem”, como sabemos, tem perdido cada vez mais o seu teor de evidência, e isso tanto em sentido antropológico-político, que questiona de modo cada vez mais radical os pressupostos metafísicos do humanismo, e se abre à exploração de outros devires, gêneros, gentes e espécies; quanto em sentido técnico-econômico, se é que é possível fazer essa distinção, diante do limiar tecnológico, robótico, informacional, que não cessa de nos estranhar e nos desentranhar...

“O que está escrito no mundo está escrito de lado / a lado do corpo”, diz o poema de Herberto Helder, e é talvez neste *enjambement* que se passa todo o, a *Pulsão de Língua*. Por esse vinco antimatérico que inerva a carne e ocitocina seus momentos, o livro vem responder aos problemas colocados acima, criando encontros pragmáticos inesperados, irreduzíveis à colonização ou apropriação de um pelo outro, como o diálogo entre T. S.

Eliot e Patativa do Assaré nas primeiras páginas, ou a fricção de palavras dos mundos ameríndio, hebreu e indo-europeu no poema “Ta x k alah” –

<i>Teu vício de anfíbios</i>	
<i>habitat da divergência</i>	<i>musa de gestos</i>
<i>simples iimensos</i>	
<i>como a Terra</i>	<i>Teus lábios</i>
<i>são pétalas</i>	<i>línguæstame</i>
<i>colhe Teu néctar</i>	<i>e dissemina</i>

As diferentes línguas e cosmologias surgem aqui como nuvens que se sobrepõem, se atravessam e se transformam em diversas camadas, dispondo-se no espaço da página, ora em ritmos gráficos mallarmaicos, ora em formas quase-caligramáticas, entretecendo-se em cadências e síncopas microfonéticas, num trabalho poético que exponencia forças e formas de palavras-valise encadeando percepções e conceitos, sugestões sensoriais e espectros do pensar. Entre as vibrações da percepção e as hesitações da ideia, o livro se desdobra em mais de uma língua, mais de um povo, mais de um mundo: desde o título, com seu genitivo neutro multiplicando relações de empossamento e materialização – pulsão *de* língua – como a crise mallarmaica *de* versos, em que estarão tantos poetas do século XX, como observou Marcos Siscar – pulsão feita de língua, pulsão feita pela língua – a palavra intrinsecamente anfíbia, “dura luas [...] / dura lua / em quanto ecoa”.

“Oíço uma ventania”, e por ela – vento ou audição, enunciado ou enunciação, a própria experiência ou seu agenciamento? – a inesperada variação, como notou o poeta Diego Mendes Sousa, atinge uma precisão

incomum, um “ex-cesso / que vigora”, entre o excedente e a negação da (auto)negação da... Se há aqui algo do *êxtimo* lacaniano, daquela alteridade divina que em Agostinho vibrava *interior intimo meo*, é que *Pulsão de Língua* é toda ela mística apofática, não obviamente aquela que sacrificava o mundo carnal no altar de algum deus inacessível idealmente sublime, mas aquela cuja memória atávica poesia e poeta conservaram sob algum espasmo do corpo, um tique, ora elisão silábica ora, pelo contrário, diérese generalizada:

entre erupção vulcânica e queimada
hàlgo d’ ordem,
desordem,
círc’lo:
 (...)

o fogo lambe árvore muda

ç foi o ho m i
qui ati çô,
ô foi u vem tu?

Por isso, essa mística erótica, soberana, mallarmaica, ao desdenhar do intercâmbio rasteiro das palavras na comunicação cotidiana colonizada pelo marketing, pelo princípio de equivalência e homogeneização da mercadoria, faz mais do que simplesmente postular uma dimensão *antepredicativa* da experiência (como lugar que reuniria soberanamente as condições de possibilidade da predicação e organização linguístico-categorial do mundo), mais também do que afirmar uma transgressão *antipredicativa* (como se fosse questão de se opor ao campo da predicação enquanto tal, esquecendo-se de que a blasfêmia ainda está na esfera da religião). Equívoco, sobredeterminado, atuando em diversos planos, o “ex-cesso / que vigora” em

Pulsão de Língua não se reduz ou se submete a nenhum estado de exceção, não se opõe às regras habituais ou institucionais das trocas discursivas do cotidiano pressupondo-se acima, antes ou contra elas, mas se desdobra entre seus vincos, em variações sorrateiras sob suas ranhuras, suas fendas, ali onde “o raio é um elo...”

*o raio fende a árvore – elos – traz o céu, leva a terra,
[deixo fogo*

*Tu me abraças com medo d’elos e das grandes luzes,
eu T’abrigo, libertume*

*e trovejamos
como uma nuvem
quandentra
numoutra
nu
v*

Estaríamos, assim, diante de uma poesia de *elos* *entrepredicativos*, que tecem fios por entre campos heterogêneos de predicação e reatam profundamente com a noção de que a criação poética é um tipo singular de tradução, de passagem entre mundos, formas de vida, línguas, como percebeu Zebba Dal Farra na orelha do livro. “As coisas existem, não temos de criá-las; temos de apreender as relações entre elas; e são os fios dessas relações que formam os versos e as orquestras”, ainda o mestre de Valvins. Se criar está para traduzir assim como aprender uma primeira língua está para aprender outras, então a língua pura intuída por Benjamin talvez seja um puro meio de tradução, de transições, como o “v” que termina o poema num delicioso *quase* de plena reversibilidade, a serifa sutil estando ali talvez justamente para desimpedi-la, como a nos lembrar que viver ainda será sempre lidar com desequilíbrios, transformações.

Afinal, se fosse possível encontrar uma lei simetricamente perfeita para ambos os lados, seria possível reduzi-los à identidade formal dessa relação, ver o encontro e a duplicidade apenas como um fenômeno, uma “aparência” sob a qual se esconderia uma única identidade ideal (uma natureza humana universal, uma proporção áurea que, como sabemos, é mais grega e muito pouco ameríndia, africana, eurasiática etc.). Contudo, a vida da língua dentro daquelas nuvens é livre e se transforma justamente por nunca se reduzir a uma metalinguagem isomórfica: o poema vive justamente do assimétrico, do ex-cesso, das *Pulsões de Língua* que transbordam as combinatórias e associações da língua.

Como a disparidade recíproca do par de olhos, que

juntos dizem mais do que se pode ouvir

[...]

o que dois olhos têm a dizer

ninguém deve escutar

dois olhos respiram demais

E quem vê se apressa em sobrepô-los num único olhar, quem é visto os tem bem languageira, conceitual e habitualmente separados. Mas “ao me lançar no canyon do olhar dela / capitoso”, eis que parece ser impossível haver dois, como se o reflexo (de meu) olho no olho (de outrem) retirasse o véu que unifica a visão e separa as órbitas oculares, deixando em transe as disparidades recíprocas entre olho e vez. Nesse estado, pode-se dizer que há mais de um e menos de dois, uma espécie de “solidão habitada”, para usar palavras de Jorge de Lima. E assim são os poemas de *Pulsão de Língua*, a se ler “1 de cada vez”, com olhar hipnótico, que aprecie seu transbordar sobre outros e outrem, até não parecer mais possível que haja dois e nem apenas um poema, livro, olho, mundo...

Esta obra é um Recurso Educacional Aberto
e foi composta em diversas fontes
para o Selo Mirada, em Recife, Pernambuco,
ao longo de fevereiro, março & abril de 2021.

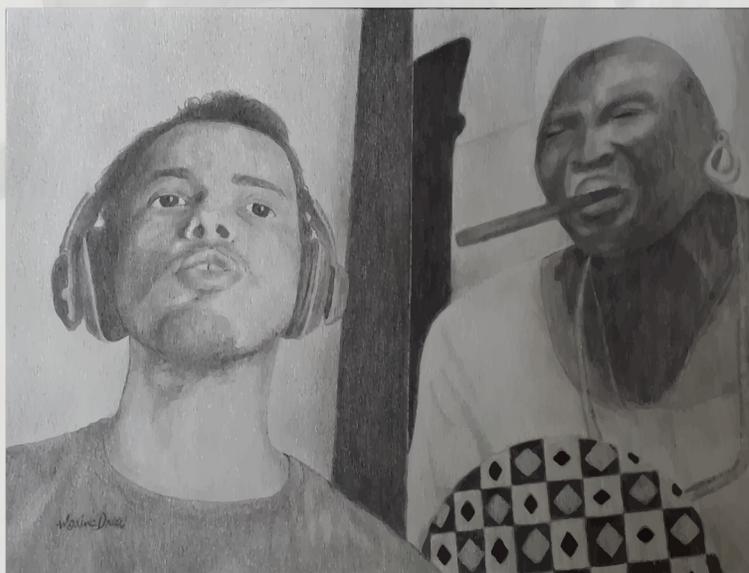


MIRADA

WWW.MIRADAJANELA.COM

Neste livro encantado, floresta da imaginação estranhada, a voz madura queima dura, e de repente, a sonoridade silenciosa dos olhos que leem se alça no ar, ao encontro de corpos. Neste instante, em que o ler quer dizer, somos aprendizes de rapsodo, *voz da gente, narrativa resistente, que denuncia e desarma.*

Zebba Dal Farra



no início



& quase ao fim



desta escritura.



O convite: desentranhar bravuras
de poeta em trânsito
e, tantas vezes, em transe
entre sul e norte,
cigarra e formiga,
velho e criança,
imobilidade e dança,
sua nau avança sem possibilidade de regresso.

Seu sopro é sedento de travessia,
de quem acompanhou o retiro da sêca
de perto e de longe. Cumplicidade
ressignificada no seu próprio retiro.

Esse nomadismo desenhou abismos e cordilheiras
[em suas mãos?
Ou só os desvelou? Desvelou-as?
No desentender de suas línguas, "seiva excessiva
[feito sol",
desvendamos poesia de palavras frutificadas
e frutificantes.

Lígia Borges

